

ENTREVISTA COM O PROFESSOR VINCENZO PADIGLIONE

MUSEUS ETNOGRÁFICOS INTERPRETATIVOS, COLECIONADORES E PATRIMÔNIO

Simone Lira da Silva ¹
Rafael de Oliveira Rodrigues ²

Com vasta experiência no campo da museologia, o antropólogo Vincenzo Padiglione, professor da *Sapienza Università di Roma*, tem se dedicado a estudar diferentes formas de museus etnográficos e a pesquisar a abordagem do antropólogo na construção da narrativa etnográfica. A convite de universidades brasileiras, entre elas a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o professor esteve no Brasil em 2011 e 2012, divulgando seu trabalho. Em outubro de 2012, ministrou a palestra Narrar uma apropriação: narrativas de colecionadores, para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, o Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade e o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC.

A Revista Cadernos Naui aproveitou a oportunidade para dialogar com o professor Vincenzo Padiglione durante sua estada no Brasil. A entrevista, concedida pelo professor aos doutorandos Rafael de Oliveira Rodrigues e Simone Lira da Silva (do Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural/NAUI, vinculado ao PPGAS/UFSC), concentrou-se ao redor de três

¹ Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina/PPGAS-UFSC. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2009). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (2007).

² Doutorando em Antropologia Social e mestre em Antropologia Social (2011) pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina/PPGAS-UFSC. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE (2009).

eixos temáticos: museus etnográficos interpretativos, colecionadores e a relação entre museus, memória e patrimônio.

Cadernos Nauí: Gostaríamos de iniciar falando de sua experiência no campo da museologia.

Vincenzo Padiglione: Iniciei como antropólogo meu trabalho. Minha primeira pesquisa foi sobre caçadores na Sardenha, uma ilha da Itália. Como antropólogo simbólico, eu não gostava de museus. Achava que os museus, de certa forma, reduziam o conhecimento complexo. Eu acreditava que objetos e painéis não poderiam ter a mesma complexidade, o mesmo rigor de uma tese ou uma monografia etnográfica. Não gostava de museus etnográficos porque considerava que eles não proporcionavam uma forma de ler a realidade na qual esses objetos estão inseridos. Comecei a mudar de opinião quando fui chamado para idealizar um museu sobre cavalos e tradições equestres. A partir de então, passei a procurar museus que tivessem uma proposta diferente. Nos anos de 1990, visitei os USA e alguns países da Europa e travei conhecimento com os museus interativos. Ao observar essas outras formas de museus, percebi que é possível fazer um museu de forma diferente dos museus tradicionais, onde se valoriza apenas a cultura material, e comecei a trabalhar com a noção de museu interpretativo.

Cadernos Nauí: O que é um museu interpretativo?

Vincenzo Padiglione: O museu interpretativo é um museu que não se baseia apenas na ideia estática de coleção. Valoriza uma noção processual de coleção, baseada numa interpretação etnográfica. No museu interpretativo, a linguagem visual é mais valorizada do que a linguagem textual e isto dá mais liberdade para quem aprecia a exposição. Porque, em vez de definir e organizar previamente uma série de dados fragmentados numa visão de todo unívoca, como o texto geralmente faz, a linguagem visual trabalha na lógica de descobrir e conhecer a partir de uma série fragmentada de objetos que

expressam diferentes contextos culturais. Esse modelo permite que a experiência do conhecimento seja feita através da incorporação de fragmentos de dados heterogêneos. O museu interpretativo dialoga, assim, com o método etnográfico, pois tem como pressuposta a incorporação de uma série de vozes e interlocutores, e não apenas a transmissão de informação. Ou seja, é uma experiência relacional. É interessante observar que essa mudança reflexiva está associada ao contexto pós-moderno, onde se dá maior relevância à forma como o conhecimento é produzido, desconstruindo a lógica de produção de verdades absolutas.

Cadernos Naui: A relação das pessoas com os objetos muda neste contexto pós-moderno?

Vincenzo Padiglione: Como contexto cultural e marco deste período, Lyotard fala que a imagem é tão importante quanto o texto. O texto escrito oferece a ilusão de que o escritor pode controlar o pensamento. O período pós-moderno tem mostrado que isso não acontece, pois não há controle sobre os múltiplos sentidos e interpretações que um texto pode ter. A linguagem do museu é uma linguagem visual e o visual permite refletir a ideia de que, enquanto o texto define e organiza, o mundo visual proporciona inúmeras interpretações. Diferente do texto, o museu oferece uma possibilidade maior de interpretações e representações sobre as culturas expostas através dos objetos. Esta experiência foi muito importante para mim, porque nós somos antropólogos e produzimos conhecimento através do método etnográfico, que pressupõe, como já disse, uma experiência que surge de relações entre o pesquisador e os demais interlocutores da pesquisa.

Cadernos Naui: Esta mudança reflexiva que a antropologia encontra nos museus interpretativos e no contexto pós-moderno está relacionada com o debate antropológico pós-colonial?

Vincenzo Padiglione: No debate antropológico pós-colonial o museu se tornou um lugar de encontro e de colaboração com os “nativos”, lugar importante para construir uma realidade compartilhada. O texto escrito é um texto que os “nativos”, geralmente, não vão ler, é um texto para estudantes, colegas de academia... O museu não. O museu é um lugar que oferece uma restituição da pesquisa e revela a vulnerabilidade com que nós, pesquisadores, organizamos nossos dados, pois no museu se a pessoa, ou grupo, “nativo” não gosta, ele demonstra insatisfação.

Cadernos Naui: Em um dos museus comunitários que você ajudou a criar foi elaborada uma coleção de representações gráficas a partir dos apelidos que as pessoas da localidade tinham. Essas coleções foram organizadas em conjunto com o grupo que você pesquisou?

Vincenzo Padiglione: Sim, essa foi uma experiência *sui generis*. Isso porque eu fiz este museu sem uma coleção. Nesse caso, o problema era mostrar como funciona a construção identitária de uma “comunidade”. O meu problema era: como posso falar museograficamente da identidade de uma comunidade? Do ponto de vista antropológico, o que essas pessoas compartilham? Para tentar responder a estas perguntas, nós criamos dentro do museu uma seção que falasse de identidades e de histórias compartilhadas por um grupo de pessoas que habitam um mesmo território. Para isto, resolvemos trabalhar com os apelidos. É interessante observar que os apelidos estão diretamente associados à busca pela redefinição das pessoas dentro de um grupo. O apelido, em alguns casos, é visto como uma forma de violência, pois muitas vezes é ofensivo. Quer dizer, você pode perguntar para alguém: “qual é seu sobrenome?”. E ele não irá se ofender. Mas, se você pergunta sobre seu apelido, pode ser que ele se ofenda. Se ele é pequeno pode ser que na “comunidade”, sem que ele o saiba, o chamem de gigante, ou, por outro lado, que lhe tenham dado um apelido relacionado à sexualidade. Enfim, eu trabalhei com artistas locais dessa “comunidade” para fazer a construção das representações gráficas dos apelidos associadas à identidade deste grupo. Foi

um trabalho demorado, levamos sete anos para fazer esses quadrinhos de apelido. Eu pedi para os artistas fazerem quadrinhos para cada apelido das pessoas da “comunidade”, e cada um poderia seguir o estilo que quisesse. Os quadros ficaram expostos em um corredor estreito como se fossem janelas que valorizam certos detalhes individuais, familiares e locais.

Cadernos Naui: Na construção desse tipo de museus, é possível que o pesquisador se aproprie de coleções individuais da “comunidade” ou de algum indivíduo?

Vincenzo Padiglione: Depende. Eu acho que uma receita de sucesso desses museus é que há um antropólogo que vem de fora do lugar, um professor universitário, com um *roll*, um papel, um *status*. Talvez encontre conflitos locais para a ocupação e para a apropriação destas coleções quando da idealização de um museu. Então, pode ser que o museu trabalhe com a coleção de uma pessoa em especial, mas a “comunidade” em contato direto com este museu não se identifique com esta coleção, mas apenas com uma pequena parte dela.

Cadernos Naui: Como você descreveria a relação das pessoas com os objetos, principalmente quando eles estão dentro de uma coleção privada e ela se torna pública. Como se dá a relação das pessoas nesse momento de transição?

Vincenzo Padiglione: São trocas contínuas. É importante reconhecer o papel de todas as pessoas que doam objetos, mas quem doa não necessariamente tem que decidir onde o objeto será colocado. Porque, como já dito, o objeto tem de ser colocado num discurso interpretativo. O desejo das pessoas que doam os objetos, geralmente, é vê-los expostos da forma que eles idealizaram no museu. Em uma amostra privada você pode fazer o que o colecionador deseja, mas a premissa do museu interpretativo é transformar os objetos em

propriedade coletiva, que as pessoas possam se apropriar e interpretar de diferentes formas.

Cadernos Naui: Você poderia falar sobre a relação entre antropologia e os objetos de coleções?

Vincenzo Padiglione: No debate antropológico contemporâneo, eu posso sublinhar que o *coleccionismo* aparece como marco de culpabilidade de uma etnografia colonialista que deseja ver nos objetos territórios demarcadores. Coleccionar é uma forma de conquista. É uma forma de rapina, de tráfico, de predação. Os colecionadores foram os primeiros capazes de falar sobre objetos e demonstrar uma posse desses objetos. Dessa forma, a identidade nacional, a identidade étnica, se constrói como imagem de uma identidade homogênea, sobre o modelo do colecionador, do imaginário do colecionador. A etnografia, enquanto método antropológico contemporâneo, problematiza exatamente este processo de apropriação e construção de uma representação ordenadora destes objetos. Em outras palavras, quando falamos de colecionadores, falamos não só como organizadores dos primeiros museus, mas também como o marco de uma escola que considera as coleções como um modelo de construção do mundo. Cabe ao antropólogo, portanto, problematizar e interpretar as formas como este modelo se consolidou através de diferentes conjunturas políticas e econômicas.

Cadernos Naui: Atualmente você desenvolve uma pesquisa sobre colecionadores. Como tem trabalhado com a temática?

Vincenzo Padiglione: Eu trabalho com colecionadores com base na ideia de museu interpretativo, tomando o colecionador como um autor e o público como interlocutor. Agora estou trabalhando com grandes colecionadores na Itália, vou tentar fazer um livro e com isso ajudar a valorizar o lugar de fala do colecionador. Parto da premissa de que o discurso sobre os objetos e as relações que os colecionadores estabelecem com os objetos podem nos ajudar

a entender a nossa relação com a sociedade contemporânea, que multiplica os objetos na nossa vida. Ao considerar os colecionadores com autores, procuro estudar como eles falam deles, como eles explicam as poéticas e as políticas do colecionar, qual o poder dos objetos sobre eles e como eles falam desse poder. O colecionismo que eu estou pesquisando não é o colecionismo de arte contemporânea. Como antropólogo, eu estou interessado em deslocar o colecionismo para a esfera da vida do dia-a-dia, um tipo de museografia generalizada, isto é, uma museografia que não se faz em um museu, mas se faz em um quarto, que se faz na loja.

Cadernos Naui: Como a museografia generalizada é vista pela “museografia oficial”?

Vincenzo Padiglione: No mundo da museografia oficial existe uma diferença entre colecionar e recolher, por exemplo, distingue-se de modo claro e explícito o colecionar como uma prática pública, seletiva e sistemática de conhecimento e ordem. Enquanto o recolher é uma prática privada, escondida, voraz e diferenciada com fins não delimitados, ou seja, que produz caos. Se você chama o colecionador de arte de recolhedor ele se ofende, é uma ofensa muito grande. Mas a minha experiência é que muitas vezes essas duas práticas estão juntas. Em algumas esferas sociais, o colecionador pode ser visto como portador de uma patologia, mas a nossa perspectiva é outra, de vê-lo como uma pessoa que tem um sentimento, uma idéia própria de coleção de objetos. A coleção se torna o referente que permite refletir estes sentimentos, estas subjetividades por trás da prática de recolher e colecionar objetos.

Cadernos Naui: Como relacionar categorias como memória e patrimônio nos museus em que você tem trabalhado?

Vincenzo Padiglione: Memória e patrimônio podem ser muito similares. Para mim, o patrimônio é uma construção mais organizada. Um patrimônio se constrói através de memórias, testemunhos, objetos, mas, sobretudo, sobre a

representação, não sobre a memória, mas sobre a representação da memória. Vou explicar melhor. O patrimônio é uma declaração pública de interesse com o objeto devido a sua história e essa história tem que ser representada de maneira científica e artística para ser reconhecida como patrimônio. Você pode ter um quadro com uma tela muito expressiva, mas esta tela tem que ser reconhecida para ser importante. Você pode ser um cantor popular que tem uma voz, uma história, uma fala, uma maravilhosa melodia, mas isso é apenas uma situação pessoal, uma memória pessoal. Você tem que ter uma performance reconhecida por um pesquisador como bem imaterial. Então, a diferença é que categorias como a memória existem independentemente de um patrimônio musealizado, está no cotidiano. Já o patrimônio é uma maneira de colocar entre aspas essas práticas e observá-las a partir da mediação científica e histórica.

Cadernos Nauí: Como se dá a relação entre patrimônio e museus?

Vincenzo Padiglione: O museu é o lugar onde não só se pode construir o patrimônio, pode-se também colocá-lo em evidência, mostrá-lo. Ele funciona como um lugar de transformação, de mudança de sentido. Você pode ver um objeto do cotidiano, talvez um computador que pode ser encontrado em um museu de *design*, como um objeto que se torna patrimônio. O momento atual é um tempo de grande mobilidade de objetos e ideias, e para que algo se torne patrimônio é preciso estudá-lo. No Brasil e no mundo há um movimento muito importante para o reconhecimento de festas como patrimônio imaterial. O *boi-bumbá*, por exemplo, torna-se patrimônio imaterial a partir do momento em que é feito um estudo antropológico, que reconheça a prática. Estudado por um antropólogo que faz um laudo, que certifica o reconhecimento.

Cadernos Nauí: Na Europa, parece-me que patrimônio está relacionado não só aos objetos que estão dentro do museu, mas também ao entorno onde este museu foi construído. Como você pensa isso?

Vincenzo Padiglione: Sim, você tem razão. Podemos escolher duas noções: uma de ecomuseu e uma noção de Devarim e Rivière, que pode ser um museu que integra diferentes bens. Bens artísticos, antropológicos e culturais. Nesse sentido, o museu não é só o local, o prédio, mas também o que está fora. Então o museu pode ser uma espécie de lugar de interpretação do território. Outra noção, mais antiga, é museu difuso. É uma noção particular da Itália, essa noção de museu difuso é que o museu não está no lugar, no prédio, mas está na paisagem que as pessoas encontram passeando pelo lugar.

Cadernos Nau: Gostaríamos que você falasse sobre o museu na contemporaneidade. Como tem se trabalhado a museografia na Itália? É possível compará-la ao que vem sendo feito no Brasil?

Vincenzo Padiglione: Conheço muito pouco do Brasil para fazer uma comparação. Agora, na Itália, temos alguns museus que foram criados por associações de moradores e por grupos de camponeses. Esses museus estão localizados em lugares rurais na Itália, às vezes, são muito pequenos e pouco agradáveis, mas têm uma relação com a realidade local. São camponeses que, ao verem o mundo rural desaparecendo, transformam em coleções seus instrumentos e ferramentas de trabalho. São objetos de memória afetiva para eles.

Cadernos Nau: Poderíamos dizer que na contemporaneidade acontece uma transformação dos museus e esses saem dos prédios e passam a se aproximar do cotidiano das pessoas?

Vincenzo Padiglione: Os museus tradicionais estão ficando cada vez mais abandonados. É preciso lembrar que são museus à deriva. Eles funcionam como uma forma de luto para um determinado grupo e para um mundo que está desaparecendo. São muitos os colecionadores de objetos de camponeses, por exemplo, que desejam fazer isso porque eles foram camponeses ou porque o avô foi camponês. Mas há também um movimento dentro da museografia que

busca criar museus de acordo com pesquisas de campo, principalmente a partir de estudos sobre o patrimônio imaterial.